

A NATUREZA DO ENFRENTAMENTO DIALÓGICO DA LINGUAGEM¹



THE NATURE OF THE DIALOGICAL HANDLING OF LANGUAGE

José Ronaldo Ribeiro da Silva
UERN, Brasil

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa
UERN, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 16/10/2017 • APROVADO EM 30/06/2018

Abstract

This paper seeks to make explicit the nature of the Dialogical Approach to Language or, as it is currently called, the dialogical confrontation of language. This line of thought derives from the postulates of Bakhtin (2010, 2014) and other authors who place dialogue as the axis of language. The work of descriptive nature analyzes the main aspects of language as a dialogic-responsive phenomenon and how this school of thought should be used by current discourse analysts for the investigation of the relations of meaning present in the discourses that are produced and circulate in our social environment.

Resumo

Este escrito busca explicitar a natureza da Abordagem Dialógica da Linguagem ou, conforme se veicula atualmente, o enfrentamento dialógico da linguagem. Essa corrente de pensamento deriva dos postulados de Bakhtin (2010, 2011, 2014) e outros autores que colocam o diálogo enquanto eixo constituinte da linguagem. O trabalho de natureza descritiva analisa os principais aspectos da linguagem enquanto fenômeno dialógico-responsivo e como a corrente de pensamento deve ser utilizada por analistas de discursos da atualidade para a averiguação das relações de sentido presentes nos discursos que são produzidos e circulam em nosso meio social.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Dialogical Approach to Language. Dialogue. Responsiveness. Discourse.

PALAVRAS CHAVE: Abordagem Dialógica da Linguagem. Diálogo. Responsividade. Discurso.

Texto integral

DA NATUREZA DA LINGUAGEM E DO DIÁLOGO EM BAKHTIN

As análises linguísticas que buscam se embasar no pensamento bakhtiniano, independentemente da categoria analítica que se pretenda pesquisar, sempre serão perpassadas, em maior ou menor escala, pela abordagem dialógica da linguagem ou por seu enfrentamento dialógico (BRAIT, 2006). Qualquer categoria posta em escrutínio, dentro da epistemologia de Bakhtin, a palavra, o enunciado, o signo, a ideologia, a polifonia, a poesia, o romance etc., e outras categorias apontadas por Sobral (2009), Faraco (2003) e Brait (1997, 2006), dentre outros, preservarão a marca daquilo que se compreende como legado maior do mestre russo: a compreensão da linguagem enquanto fenômeno dialógico. Esse status de centralidade epistemológica do diálogo foi apontada por Holquist (2002, p. 14):

O diálogo é uma chave mestra óbvia para as premissas que nortearam o trabalho de Bakhtin ao longo de toda sua carreira: o diálogo está presente, de uma forma ou de outra ao longo das anotações que ele mantinha desde a sua juventude até sua morte na idade de 80 anos. A maioria destas está perdida, algumas permanecem sob a forma de comunicação tão pessoal que elas são agora quase impossíveis de decifrar ou compreender, enquanto outras, eventualmente, assumiram a forma mais pública e compreensível de livros publicados. Mais cedo ou mais tarde, não importa qual o assunto do momento, independentemente do nome sob o qual ele escreveu ou o grau de comunicação compartilhada que ele presumiu, todos os escritos de Bakhtin são animados e controlados pelo princípio do diálogo². (Tradução nossa)

Em outras palavras, Holquist enxerga o diálogo enquanto um conceito estrutural de toda a arquitetônica bakhtiniana, atravessando sua produção, independentemente do que tenha escrito, sobre qual categoria refletia, quais conceitos analisava etc. O diálogo, acima de *status* de categoria analítica é, para o pensador, o eixo constituidor da linguagem.

Bakhtin (2014) defende que a linguagem é, essencialmente, um fato social vivo e que só se pode chegar à exata compreensão de sua natureza ali, no seu *locus* propício, isto é, no meio social, onde se dá seu uso interindividual. Sem essa condição, a língua passa a ser interpretada apenas como um sistema imanente, visão que o mestre russo criticou em contemporâneos que se filiavam a duas tendências principais. Ele assim descreve a primeira:

A primeira tendência interessa-se pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua (no sentido de toda atividade de linguagem sem exceção). O psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação linguística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem. (BAKHTIN, 2014, p. 74)

Segundo a descrição do autor, essa primeira tendência ou corrente de pensamento, vigente na época, associava a língua a fatores psíquicos, individuais e, desta forma, os pesquisadores e pensadores da linguagem deveriam se debruçar sobre o ato criativo individual para a compreensão da língua. Neste aspecto, a língua se caracterizaria mais como uma criação artística, sempre individual, com um estilo próprio e com a produção de enunciados únicos, como deve ser única uma obra de arte. Essa corrente de pensamento era notoriamente encabeçada pela figura de Wilhelm Humboldt. Bakhtin (2014) a denominou de “subjetivismo idealista”.

Já a segunda tendência compreendia a linguagem sob outra ótica. Segundo tal concepção, o foco da criação e da organização linguística não é o indivíduo e sim o próprio sistema linguístico, considerado imanente, com regras muito bem definidas e estáveis. Segundo a descrição de Bakhtin (2014, p.79):

Enquanto que, para a primeira orientação, a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, para a segunda orientação, a língua é um arco-íris imóvel que domina este fluxo. Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação, encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços *idênticos*, que são assim

normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais -, que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade.



Com essa apresentação, as duas tendências são postas em comparação quanto às suas visões sobre a língua, em linhas gerais. Observe-se que a segunda tendência, que o teórico chama de “objetivismo abstrato”, é, basicamente, a epistemologia geral do pensamento de Ferdinand de Saussure e de seus seguidores estruturalistas.

A crítica elaborada por Bakhtin a essas duas tendências se dá pelo fato de que ambas negligenciam explicitamente o caráter sócio-histórico e interativo-dialógico da linguagem. Como se pode observar, uma põe o foco exclusivamente na mente individual ao passo que a outra, no próprio sistema abstrato imanente, como se a linguagem fosse uma entidade independente, autorregulatória, autossuficiente.

Bakhtin concorre com seus contemporâneos ao fornecer aos estudos da linguagem uma visão que, embora não se possa dizer completamente inovadora, bastante profícua, dada a variedade de categorias que conseguiu abordar, todas atravessadas pelo conceito de linguagem em constante diálogo, uma linguagem responsiva, que se materializa em resposta aos “já ditos” e que enseja novos diálogos, novas respostas.

Levando-se em consideração esse caráter responsivo, a categoria do discurso citado, por exemplo, acaba por ocupar um lugar de destaque, pois uma citação se materializa em um espaço enunciativo em que, explicitamente, os discursos se tocam em um *continuum* de resposta. As diversas formas de citação representam inegavelmente a evidência de um diálogo. Como esse diálogo é empreendido, através de quais mecanismos e o significado das preferências de uso de uma ou outra forma, é trabalho que o analista de discursos deve procurar elucidar.

É importante ressaltar que o sentido de diálogo tem sido expresso muitas vezes erroneamente. Primeiro, erra-se quando se imagina o diálogo em Bakhtin enquanto construção enunciativa de réplicas; segundo, erra-se ao dizer que o diálogo ocorre entre os sujeitos enunciadores. Fiorin (2006, p. 166) adverte que “[...] não se pode dizer que haja dois dialogismos: entre interlocutores e entre discursos. O dialogismo é sempre entre discursos”. O diálogo, destarte, trata das relações de aproximação temática entre os discursos.

ABORDAGEM DIALÓGICA DA LINGUAGEM: UMA METALINGUÍSTICA?

Outro ponto a se ressaltar é que Bakhtin (2010) propõe que as pesquisas que concebem a língua enquanto fenômeno dialógico não devem rejeitar os pressupostos da chamada linguística estruturalista, ou linguística dura, porém, a visão de linguagem que o autor compartilha juntamente com os membros do Círculo possui uma natureza extralinguística, ou, como ele mesmo denomina “metalinguística”. O autor assim se refere a essa questão:

As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético - o discurso -, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, e não se fundir. (BAKHTIN, 2010, p. 207)

Em outros termos, as análises metalinguísticas ou translinguísticas (que, na atualidade materializam as pesquisas cujo embasamento teórico é chamado de Abordagem Dialógica da Linguagem) devem partir de categorias concretas, já abordadas pela linguística, para que, a partir delas, possam abstrair relações que apontem para seu exterior, para seu uso fora do sistema linguístico imanente. Isso porque a abordagem dialógica da linguagem se interessa pelas relações dialógicas, pelo encontro sócio-verbal dos sujeitos e de suas vozes, que, diga-se, acontece na produção e recepção interativas de enunciados.

A exemplo, as análises linguísticas sobre o discurso citado em gramáticas, quer de naturezas mais tradicionais ou normativas, quer mais descritivas, propõem exemplos de sentenças e exercícios que exploram mais aspectos transformacionais entre os tipos de discurso citados tais como mudar uma sentença que se encontra em discurso direto para uma construção indireta e vice-versa. Dedicam especial atenção às mudanças das formas verbais, dos pronomes empregados, de aspectos adverbiais e de sinais gráficos que delimitam as formas de citação etc.

Ao elencar estes tópicos como objetos de análise, a linguística se detém à superfície, à estrutura da língua, não adentrando na perscrutação de sentidos³ e na complexa teia constitutiva do discurso. Não aborda as relações dialógicas presentes nos enunciados. Nem deveria, de acordo com o pensamento de Bakhtin (2010), pois a análise dialógica do discurso cabe à metalinguística. Esta, em seu turno, extrapolará a estrutura textual-discursiva e abordará temas de interesses extralinguísticos (GRILLO, 2006), da língua enquanto fenômeno em funcionamento na sociedade e posicionada no curso da história. De acordo com a visão do autor:

[...] a linguística estuda a ‘linguagem’ propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que torna

possível a comunicação dialógica, pois ela abstrai consequentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isso, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias. (2010, p. 209, grifos do autor).

Neste sentido, Bakhtin defende que o objeto da metalinguística, que vai além da análise estrutural, é o discurso em seu nascedouro e fluxo contínuo de atividade: o contexto sócio-histórico. Na abordagem dialógica da linguagem, as análises devem ser executadas levando-se em consideração fatores de ordem social e histórica, além de considerar também a atividade do falante, que não é visto, nesta perspectiva, como mero atualizador de um sistema autônomo.

O CONTÍNUO FLUXO DO DISCURSO: DUAS RETICÊNCIAS

O princípio do dialogismo da linguagem pressupõe um discurso constituído e preche de respostas. Ao mesmo tempo em que certo enunciado retoma, de alguma forma, toda uma teia de enunciados já ditos alhures e/ou em outros tempos, ele mesmo reclama uma resposta que há de vir. Não há discurso sem resposta ou que não dialogue com o já dito. O discurso olha, portanto para dois infinitos: há uma *reticência anterior*⁴, relacionada com o “já-dito” (impossível de detectar até o início, isto é, o primeiro discurso adâmico) e uma *reticência posterior*, que aponta para o que há de vir, para as respostas que o enunciado ensejará. Essa questão é bem resumida por Bakhtin (1998, p. 89), quando afirma que:

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do ‘já-dito’, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo.

O mestre russo coloca o discurso em meio a um *continuum*. Fruto de respostas e ensejador de respostas, o discurso está sempre em diálogo, é vivo e constante. Resguardadas as diferenças no que tange aos pressupostos teóricos e metodológicos, este ponto de vista é compartilhado, com certas aproximações, por outros autores como Authier-Revuz (1990, 1998, 2004) que, ao tratar da complexidade do tema da heterogeneidade enunciativa, corrobora o caráter

essencialmente dialógico da linguagem. A autora concebe o discurso enquanto produto da memória discursiva. Embasada na abordagem dialógica de Bakhtin e do Círculo e em autores da área da psicanálise como Freud e Lacan, ela afirma que:

As palavras são, sempre e inevitavelmente, ‘as palavras dos outros’: esta intuição atravessa as análises do plurilinguismo e dos jogos de fronteiras constitutivas dos ‘falares sociais’ das formas linguísticas e discursivas do hibridismo, da bivocalidade que permitem a representação no discurso do discurso do outro. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27, grifos da autora).

Corroborando a tese bakhtiniana do atravessamento do outro no discurso, a palavra alheia está sempre presente na constituição do enunciado, de acordo com o ponto de vista da referida autora. Também J.J. Courtine (1981) propõe a existência de dois eixos discursivos, acionados sempre que uma nova formulação ou, na terminologia bakhtiniana, enunciado, emerge: um eixo horizontal, ou eixo da atualização do dizer e um eixo vertical, que reuniria toda a gama de formações discursivas, o eixo do interdiscurso. Ao enunciar, o falante filia o seu dizer (horizontal) ao já-dito ou interdiscurso (vertical). O eixo horizontal sempre corta o vertical em algum ponto. Em outras palavras, o discurso se atualiza, porém, nunca deixa de tocar o que já foi dito, alhures, em outros tempos.

Notas

1 Este texto é base da dissertação de mestrado intitulada “Análise dialógica do discurso citado na encíclica Lumen Fidei do Papa Francisco”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), sob orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa.

2 Dialogue is an obvious master key to the assumptions that guided Bakhtin’s work throughout his whole career: dialogue is present in one way or another throughout the notebooks he kept from his youth to his death at the age of 80. Most of these are lost, some remain in the form of communications so selfdirected they are now almost impossible to decipher or understand, while others eventually took on the more public and comprehensible form of published books. But early or late, no matter what the topic of the moment, regardless of the name under which he wrote or the degree of shared communication he presumed, all Bakhtin’s writings are animated and controlled by the principle of dialogue.

3 Aqui, os autores se referem à própria noção mais geral e aceita de discurso enquanto “relação de sentidos”.

4 O uso do termo reticência é apenas um recurso metafórico para indicar a infinitude da linha do tempo.

Referências

342

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, SP: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez. 1990.

_____. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

_____. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARBOSA, M. S. M. F. **A heterogeneidade discursiva em revistas de divulgação científica**. Natal: UFRN, 2008. 184 p. Tese (Doutorado).

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In:

_____. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. Análise e teoria do discurso. In: _____. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COURTINE, J. J. **Analyse du discours politique**. Le discours communiste adressé aux chrétiens. In.: Langages, 62, 1981.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas o círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GRILLO, S. V. C. A metalinguística: por uma ciência dialógica da linguagem. In: **Horizontes**, v. 24, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2006.

HOLQUIST, M. **Dialogism**: Bakhtin and his world. Psychology Press, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

SILVA, J. R. R. **Análise dialógica do discurso citado na encíclica *Lumen Fidei* do Papa Francisco**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pau dos Ferros, RN, 2016. 115 f.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

Para citar este artigo

OS Autores

José Ronaldo Ribeiro da Silva possui Graduação em Letras e Especialização em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Regional do Cariri - URCA; Mestrando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN..

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa é possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1990), Mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002) e Doutorado em LINGUÍSTICA APLICADA pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008). Atualmente é Professora Adjunto IV do Departamento de Letras Estrangeiras, no Campus Avançado Professora Maria Eliza de Albuquerque Maia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atua nos cursos de graduação em Letras. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Pesquisadora do Grupo de Estudos do Discurso (GRED/UERN). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada. Pesquisa sobre: Análise do Discurso, Gêneros Discursivos, Dialogismo, Discurso Citado e Autoria.